

Carta semanal 18 (2018): Refugiados e poderosos



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**. Estamos correndo há quase seis meses. Nossa equipe está trabalhando duro em todo o mundo para fazer o tipo de pesquisa que prometemos. Por favor, dê uma olhada na nossa **nova página** da equipe, onde você pode ver os envolvidos em nossos escritórios de Buenos Aires a Nova Delhi. Cada escritório definiu sua agenda e nossa equipe está trabalhando duro no campo para construir pesquisas orientadas pelos movimentos. Eles estão no interior de Haryana e nas favelas do Brasil, construindo conhecimento sobre a vida da classe trabalhadora e camponesa em nossos tempos, bem como sobre a estrutura de exploração e opressão. Estamos ansiosos para apresentar este trabalho como ele é elaborado e polido. Enquanto isso, também olhem nossos dossiês (sobre a Coréia, sobre a água, sobre a Venezuela e sobre o Brasil), bem como nosso Documento de Trabalho (sobre globalização). Nos alegramos com suas ideias construtivas.



Un grupo de migrantes en ruta hacia Libia desde la ciudad de Agadéz. Níger

Passado esse informe, hoje é o Dia Mundial dos Refugiados. Para destacar o dia, a Agência de Refugiados das Nações Unidas (UNHCR) produziu um grandiosa quantidade de documentos sobre a crise dos refugiados. É, como vocês imaginam, muito dramático. Agora há tantos refugiados quanto a população da Tailândia. Mais da metade dos refugiados são crianças.

A atenção continua concentrada na fronteira EUA-México, em grande parte devido às ações desumanas da administração do presidente dos EUA, Donald Trump. Mas a crise é mais ampla e profunda. Menos atenção é dada aos campos em Bangladesh e ao centro de detenção em Nauru. No *Salon*, tenho uma reportagem que reflete sobre os dados da ONU e sobre minhas próprias análises dos refugiados no mundo. A reportagem abre: “Sua mente está fixada na fronteira dos EUA com o México. Você está assistindo as imagens das crianças, presas pela Patrulha Fronteiriça dos EUA e levadas à detenção. Você viu uma foto de assentos de carro para levar bebês à prisão. Você está enraivecido”. O restante pode ser lido [aqui](#).

O impacto das políticas de Trump e sua atitude geral em relação ao México e América Central, bem como sobre a agenda adversa da classe dominante mexicana nos leva a uma possível vitória para a esquerda nas eleições de domingo no México. O candidato da esquerda – Andres Manuel López Obrador (AMLO) – está liderando nas pesquisas e é provável que ganhe as eleições. Esta não seria sua primeira vitória. Ele ganhou as eleições antes, mas foi negada a sua vitória por fraude. No Estádio Azteca, na Cidade do México, a AMLO disse: “Estamos prestes a realizar uma transformação sem derramar sangue. Mas ninguém deve ficar confuso. Porque ser pacífico não significa que a mudança não será profunda. Será radical e ninguém deve ter medo”.

Mais cedo, a AMLO havia chamado as políticas de imigração de Trump de “racistas e desumanas”. Mas ele não está sozinho. Até mesmo o ministro das Relações Exteriores do México, Luis Videgaray, do PRI, chamou as políticas antiimigração de Trump de “cruéis e desumanas”. Em todo o espectro da América Latina, há desânimo e raiva pelas políticas duras seguidas na América do Norte. Quando o porta-voz presidencial na Guatemala – para um governo decididamente de direita – pronunciou algumas palavras mornas em apoio às políticas de Trump, foi rapidamente demitido. Tanto na Guatemala quanto no México, os serviços de segurança operam com a mão dura, o punho de ferro. Estes não são regimes liberais. No entanto, suas lideranças são pressionadas por um público despertado pelo desprezo que tiveram classe dominante dos Estados Unidos.



The Prime Minister, Shri Narendra Modi with the President of United States of America (USA), Mr. Donald Trump and the first lady of USA, Melania Trump, at White House, in Washington DC, USA on June 26, 2017.

Os poderosos, como Trump, estão ansiosos para argumentar que vão reviver seus países por qualquer meio necessário – incluindo políticas duras contra a imigração. Valores humanitários são irrelevantes para eles. Eles ficam onde estão, e outros têm que levá-los. Há bravatas nessa postura. É o que permite que Trump

permaneça popular entre um grupo de eleitores americanos que acreditam – corretamente – que eles foram ignorados pela classe dominante (onde eles estão errados é acreditar que Trump realmente está com eles).

O espelho turco de Trump é Recep Tayyip Erdoğan, que – junto com seu partido do AKP – triunfou nas eleições presidenciais e parlamentares no último domingo. Erdoğan sufocou as poucas instituições da democracia turca que foram cuidadosamente conquistadas pela pressão popular depois que a ditadura militar terminou em seu país. Expectativa enorme de que ele seria derrotado ou, pelo menos, forçado a um segundo turno pela unidade da oposição não deu certo.

Erdoğan, como os outros poderosos do nosso tempo, é o mestre das queixas. Ele pode alcançar os anseios dos pobres – particularmente os piedosos entre eles – e oferecer o consolo de seu compromisso pessoal sobre seus problemas. Mas isso não é suficiente. A Turquia, como outros países de renda média (Argentina e México), sofre com os efeitos persistentes da crise de crédito de 2008. Não conseguiu criar uma saída das más políticas econômicas internacionais. Cada um desses países retornou ao Fundo Monetário Internacional (FMI), pedindo melhores condições aos burocratas internacionais que estão mais interessados em indicadores macroeconômicos do que no sofrimento do povo. Erdoğan, com Macri da Argentina e Duterte das Filipinas, é o espelho desses economistas do FMI. Nenhum deles tem uma agenda para aliviar o sofrimento.

No *The Hindu*, E. Ahmet Tonak e eu temos uma breve reportagem sobre as eleições turcas. Você pode ler [aqui](#). No blog da LeftWord Books [blog](#), o romancista turco Burhan Sönmez fala sobre as eleições. A publicação foi feita sobre o caráter da sociedade turca e as limitações da oposição que merecem ser consideradas, “as iniciativas anti-Erdogan são fortes; eles se mobilizaram bem. Mas eles não são capazes de entrar nas esferas públicas onde Erdogan recebe seu apoio. O problema na Turquia é que nossa sociedade está agora dividida com altos muros. É tão difícil atravessar essas barreiras. Uma metade não tem influência na outra metade. A oposição pode muito bem ser organizada, isso é uma coisa, mas agora mais uma coisa é necessária para explorar os campos públicos onde Erdoğan é sustentado – a saber, onde é possível obter sua força ideológica e institucional.”

Burhan tem um ensaio em um livro que editei no começo deste ano chamado *Strongmen (Poderosos)*. Tem ensaios de Eve Ensler em Trump, Husain dinamarquês em Modi, Ninotschka Rosca em Duterte e – na edição americana – Lara Vapnyar em Putin. Eve Enser recentemente deu uma entrevista ao Mumbai Mirror sobre os poderosos – você pode ler [aqui](#). A edição americana será lançada em breve e estará disponível para pré-encomenda [aqui](#); a edição para o resto do mundo da LeftWord Books está disponível [aqui](#).

Mas estes não são fortes. O Primeiro Ministro da Índia, Narendra Modi, afirma que colocará a Índia em primeiro lugar – que criará uma política de ‘Produzido na Índia’ e garantirá que a Índia não esteja subordinada a poderes externos. Quando Trump disse que terminaria o acordo com o Irã, a Índia continuaria comprando petróleo do Irã. A economia da Índia depende do petróleo iraniano. Seria anti-nacional, por assim dizer, parar de comprar petróleo iraniano. No entanto, quando a enviada de Trump – a embaixadora dos EUA na ONU, Nikki Haley – conheceu Modi, ela o convenceu a mudar de ideia. Haley disse a Michelle Nichols da Reuters que Modi “entende muito bem onde estamos com o Irã. Ele não questionou. Ele não criticou. Ele entendeu e entende que as relações da [Índia] com os EUA são fortes e importantes e precisam continuar assim.” (Para mais informações, veja o ensaio de Gautam Navlakha no *Newslick*). Em outras palavras, a Índia deve permanecer subordinada aos Estados Unidos. Modi, o poderoso, acaba sendo – como muitos desses poderosos – um tigre de papel.

Nós, do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, vamos fazer uma série de estudos sobre o que Burhan observa – como os poderosos são sustentado. Estaremos olhando para a relação entre capital e identidade (com ênfase na religião e etnia), bem como entre capital e ideologia (com ênfase na mídia). Estamos interessados no que sustenta os poderosos, pois eles podem alimentar os movimentos populares para se sobressairem.



Esta Carta Semanal é escrita em Tóquio. Aqui, tive a sorte de visitar a Galeria Maruki para ver os Painéis de Hiroshima. Em breve vou viajar para Nagasaki para ver o último dos painéis – o chamado Nagasaki. O Japão, o único país que sofreu ataques nucleares, tem lutado contra esse legado e com suas próprias guerras de agressão no leste e sudeste da Ásia. A memória do horror não é fácil de reter. Estes Painéis, estas pinturas são o trabalho do movimento de paz japonês. É um movimento que atrai pessoas de grande sensibilidade e coragem. Você pode ler minha reportagem de Tóquio aqui.

Pessoas de sensibilidade e coragem continuam tentando desfazer o mundo da guerra e dos poderosos. Pessoas como Kathy Kelly, cujo **artigo** de Cabul é um relatório de cortar o coração sobre os detritos sociais no Afeganistão e as esperanças de crianças afegãs como Miriam, da Street Kids 'School. Pessoas como aquelas que tomaram as ruas de Marrocos para protestar contra os protestos no Rif (para mais, leia este artigo de Ghassan Koumiya e este **artigo** de Ihlem Rachidi). Pessoas como aquelas que participaram de manifestações massivas na Argentina contra a agenda do FMI e pela lei do aborto. Nós, do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, colocamos essas iniciativas no centro do nosso trabalho.

Cordialmente, Vijay.

PS: Para subscrever nosso boletim, envie email para andre@thetricontinental.org